

De modo. Assim, como, bem, mal, e a maioria dos adverbios em *mente*.

De quantidade. Tão, tanto, muito, nada, tudo, completamente, etc.

De modalidade ou de afirmar. São os que exprimem duvida, afirmação ou negação.

De *duvida* : talvez, provavelmente.

De *negação* : não.

De *afirmação* : decididamente, effectivamente, sim.

Os adverbios em *mente* representam sempre vestigios do ablativo latino :

boamente — *bonâ mente*.

Este processo era pouco commum no latim ; tornou-se mais vulgar no latim barbaro e superabundante no francez. No portuguez antigo, os adverbios em *mente* são raros.

II

Preposição é a parte que posta entre dous vocabulos determina a natureza da relação que existe entre elles.

A relação póde ser de :

Posse—Casa *de* João.

União—Seguiu *com* o cavalleiro.

Separação—Seguiu *sem* o cavalleiro.

Tempo—Viveu *durante* 10 annos.

Causa—Desmoronou *com* a chuva ; ferido *por* um raio.

Conveniencia—Estudou *conforme* a regra ; escreveu *segundo* a logica.

Opposição—Falou *contra* todos.

Fim—Orae *por* elle.

Lugar—Esteve *no* campo.

• **Locução prepositiva** é o grupo de palavras que exerce a função de proposição: *conforme a, máo grado,* etc. (1)

No latim e em outras linguas existem vestígios de gráo das preposições. São comparativos: *inter* de *in*; *extra* de *ea*; *contra* de *cum*; *præter* de *præ*, etc. São superlativos; *extremus* (*exterimus*) de *ex*; *intimus* de *in*; *primus* de *præ*; *supremus* (*superimus*) de *super*. Da mesma fórma, em inglez, o positivo *for*, tem o comparativo *fore* e os superlativos *first* e *foremost*. Dos gráos latinos é facil concluir a existência de alguns vestígios no portuguez.

As preposições *por, de, em, a,* juntas ao artigo affectam as fórmas, *pelo, do, no, ao,* etc. A preposição *a* com o artigo feminino *a,* orthographa-se com o accento: *á.*

III

+ **Conjunção** é a palavra que serve para indicar as relações entre duas proposições: Vive *mas* sê sabio. Elle é justo *e* sabio.

+ Muitas vezes uma proposição é elliptica como no ultimo exemplo. Mas a analyse ahi descobre duas proposições: *elle é justo, elle é sabio.*

— Segundo o sentido, dividem-se estas particulas em conjunções de *subordinação* e conjunções de *coordenação*.

I. **De coordenação** são as conjunções que indicam relações entre proposições que têm a mesma função na phrase: Vae *ou* volta; *nem* sahe, *nem* entra; quero *porque* tenho direito; *soffre, logo* está doente.

(1) Das *preposições componentes, pre, ob, ab, per,* etc., trataremos quando nos occuparmos com os elementos de derivação e composição.

As conjunções de coordenação mais notáveis são :

As *copulativas* : e, também.

Disjunctivas : nem, ora... ora, quer.

Adversativas : porém, mas, todavia.

Conclusivas : ora, logo.

2. **De subordinação** são as conjunções que unem proposições das quaes uma tem função differente, isto é, serve de complemento ou sujeito á outra.

As principaes são : *logo que, pois que, quando, depois, que, antes que, comtanto que, de sorte que, afim de.*

Quasi todas as conjunções de subordinação são verdadeiras *locuções* e contém o elemento *que*.

A conjunção exerce ás vezes a função de preposição. A expressão *sete e oito* equivale a *sete com oito*.

Comquanto a conjunção ligue sempre proposições, estas nem sempre são susceptíveis de resolução por meio da analyse logica. Assim a proposição contracta : *Pariz está entre Bruxellas e Marselha*, não soffre a divisão analytica em duas orações : *Pariz está entre Bruxellas e Pariz está entre Marselha*. Estas locuções só têm valor como phrase composta, são abbreviaturas irresolúveis.

IV

A interjeição é mais uma phrase do que simples vocabulo. É a expressão rapida de uma emoção, de um sentimento : *oh ! old ! psit !*

As interjeições simples e primitivas são verdadeiras exclamações : *ah ! oh ! ui !*

As interjeições compostas ou derivadas de outras palavras são improprias, ou *locuções interjectivas*, apenas utilizadas como meio de exprimir accentuadamente um sentimento exaggerado, uma emoção : *muito bem ! bravo ! caluda ! fóra ! etc.*

A classificação das interjeições é a mesma dos sentimentos que ellas representam : de *dôr*, de *alegria*, de *aversão*, de *approvação*, *surpreza*, etc.

A interjeição não entra na construcção do discurso. E' uma proposição de character elliptico, frequentissima nas linguas primitivas, nas quaes era mais extensa e intensa a expressão sentimental.

Ha certas interjeições que apenas se applicam quando o homem trata com animaes: *bi!* *sape!* *ská!* e outras cujos ruidos são irrepresentaveis pela escripta.

NOTA

A preposição é uma palavra relativa que com o seu complemento necessario fórma um advérbio ou *locução adverbial*: *com ardor*=ardentemente, etc.

O adverbio é uma fórma synthetica, contendo logicamente a preposição com o complemento: *ardentemente*=com ardor.

LIÇÃO XII

Agrupamentos de palavras por famílias e por associação de idéas.
Synonymos, homonymos e paronymos.

I

Na parte preliminar da *taximonia* (Lição VII), vimos que as palavras se distribuem em classes ou grupos, conforme a idéa que representam.

Os vocabulos também são susceptíveis de serem agrupados em classes ou *familias*, conforme os seus caracteres de afinidade etymologica.

Familia de linguas é o conjuncto de todas as linguas que se originaram de um tronco commum.

As tres mais conhecidas familias de linguas são : a *aryana*, que abrange o sanskritico, o grego, o persa, o latim, o allemão, etc., e a familia *semitica*, na qual se incluem o *hebraico*, o *arabe*, o *chaldaico*, etc.; a *polysynthetica* que abrange provavelmente todas as linguas americanas ou quasi todas.

Familia de palavras é o conjuncto de termos que têm uma raiz ou um radical commum.

Ha portanto dous modos de comprehender uma familia de vocabulos. Se se toma por base a *raiz*, cada familia contém um grande numero de palavras : se, porém, se toma por base o *radical* ou *thema*, as familias abrangem um numero de termos relativamente pequeno. (1)

Agrupamento de familias de termos que têm uma *raiz* commum, é além de algumas vezes impossivel, quasi sempre dif-

(1) Vide, Lição VI, a differença entre *raiz*, *radical* e *thema*.

ficil de determinar para os que não conhecem duas ou tres das linguas aryanas. Assim, a exemplo do que fizeram Bailly e M. Bréal para o latim e Stappers para o francez, nos seus dictionarios, basta considerar as palavras que têm apenas o *radical* ou *thema commum*.

Não obstante damos neste lugar dous exemplos, em que se toma por base de agrupamento, a raiz. São as raizes :

$\sqrt{\text{PL}} = \text{correr}$	$\sqrt{\text{MAN}} = \text{pensar}$
Fluxo Fluir Affluente Chuva Fluvial Affluir Pluvioso (<i>Pluvia e fluere</i>)	—mente —lembrar memorar imagem imaginar mentir lembrança Minerva.

Cada uma destas raizes tem um numero consideravel de derivados no allemão, no grego, no latim, etc., e todos os derivados constituem uma familia.

A analyse revela que, em nossa propria lingua ha muitos vocabulos que constituem familia, i. e., possuem um *thema commum*.

1.º Do thema **Am**, temos os vocabulos :

Am-or
Am-ante
Am-ador
 En-**Am**-orado
 -**Am**-avel
 -**Am**-isade
 -**Am**-igo
 Des-**Am**-ôr
 -**Am**-ar
 Des-**Am**-ar
 N-**Am**orar
 In-**Am**igo

2. Do thema **musa**, contam-se entre outros:

Musa
Musaceas
Musica
Musical
Museu

3. Do thema **ver** e **vid**, notam-se:

— ver
— evidente
— providencia
— providencia
— provido
— visão
— vista.

4. Do thema **vice**, notam-se :

Vice
Vez
Vice-rei
Viso-rei
Visconde
Vigario (*vicarius*)

5. Do thema **anno** e **ennio**, que significam a mesma cousa, temos :

Biennio
Quatriennio
Centennario
Octogenario
Solemne
Perenne
Annual.

Na composição dos termos latinos, a *a* quasi sempre permutava-se em *e*, assim de *arma*, *inermis* = sem armas ; de *barba*, *imberbe* = sem barba, etc.

Por isso a fôrma *anno* transformou-se em *ennio*.

Solemne composto de *solus* e *annus*, significava aquillo que só se devia fazer uma vez no anno ; *perenne*, de *per* e *annus*, significava : o que dura um anno.

A fórma *octogenario* é abbreviada de *octogintenario*.

6. Do thema **cap** ou **cab**, ha uma numerosa familia:

Capitão
Cabeça
Cabeçada
Capitel
Capitulo
Cabido (capitulum)
Capello
Cabo
Cabello
Acabrunhar
Acabar
Chapeu.

Destas palavras algumas offerecem difficuldades de analyse. *Acabar* é um verbo derivado de *cabo*, isto é, o fim, a ponta. *Acabar* quer dizer : fazer o fim, o termo, terminar. *Acabrunhar* é um composto: *caput*+*pronare*, dobrar a cabeça. A palavra *chapeu* veio do francez (*chapeau*) como todas em que o *c* forte tornou-se em *ch* brando, como por exemplo *chaminé* de *cheminée* (*camminata*), *chefe* (de *chef*.)

7. Do thema grego **anthropos** que significa homem, temos a familia:

(sciencia	do homem)	Anthropologia
(inimigo	do —)	Misanthropo
(amigo	do —)	Philanthropo
(semelhante ao	—)	Anthropoide

8. Do thema germanico **ban** que significa divulgar, mostrar, annunciar, temos os vocabulos :

Bando
Bandeira
Banhos
Banal

A palavra *banhos* no sentido de *banhos matrimoniaes* é germanica. *Banho* (lavagem) vem do latim *balneum*. A palavra *banal* é um gallicismo, constantemente usado pelos escriptores contemporaneos.

Os exemplos de familias dos vocabulos citados são sufficientes para dar uma noção perfeita do assumpto.

II

Tomando por base de classificação as idéas associadas, veremos que existem as seguintes classes :

Proprias são as palavras que têm o sentido exacto e são usadas como taes : *boi*, *cão* (animal.)

Translatas—*metonymicas* ou *figuradas*, são aquellas que se empregam em sentido differente do primitivo ou normal : *cão* (de espingarda); *argento* em vez de *mar* ; *Diana* em vez de *lua*.

Synonymos—são os vocabulos que têm mais ou menos o mesmo significado : *adversario*, *inimigo*, *des-affecto*.

Antonymos—são os que têm dous a dous, significados oppostos : *amor* e *odio* ; *força* e *fraqueza*.

Paronymos—são os que têm quasi identica prosodia : *prato*, *prata* ; *solho* e *solio* ; *matilha* e *mantilha*.

Homonymos—são os que têm entre si inteira semelhança : *casa* (domicilio) e *casa* do verbo *casar* ; *cesta*, *sesta* e *sêsta*.

Os homonymos dividem-se em *homophonos* e *homographos*. *Homophonos* são os que têm a mesma pronuncia, tendo orthographia qualquer : *cesta* e *sesta*. Inversamente, *Homographos* são os que têm identica orthographia : como *peso* (verbo) e *peso* (gravidade.)

Os synonyms são uma poderosa causa de archaismos. E' natural que havendo muitas palavras para a expressão unica de uma idéa, algumas se tornem inuteis e desusadas com o tempo. Assim, muitas vezes a palavra mais euphonica sobrevive a outras que o são menos. Em alguns casos, como é facil notar, as palavras de pequena extensão desaparecem diante de outras ; como *os* que se archaisou, ao passo que permaneceu *bucca* (bocca) ; *res* desapareceu ao lado de *causa* (cousa), etc.

Quando se formaram na lingua nos seculos XV e XVI os neologismos alatinados *seculo*, *ocasião*, *rosario*, desapareceram por inuteis as velhas fórmulas vernaculas *segre*, *cajon*, *rosairo*, etc. As fórmulas que persistiram, tambem conservaram uma differença de sentido : *rezar* e *recitar*, de *recitare*.

Os homonyms podem em certos casos ser factores de archaismos ; mas esta asserção está longe de ser provada. Parece, muito ao contrario, que entre os termos *sella* e *cella* só existe porventura confusão para o ouvido dos grammaticos. Os dous vocabulos têm vida independente e jámais na lingua-gem vulgar occorrem simultaneos com frequencia tal que autorise a pretensa confusão. Assim, a semelhança ou identidade phonetica só em rarissimos casos poderia ser uma causa de archaismo ou de esquecimento de vocabulos.

LIÇÃO XIII

Flexão dos nomes : genero, numero e caso.—Noções de declinação latina.—Do apparecimento do neutro latino no portuguez.—Vestigios do neutro em portuguez.—Vestigios da declinação em portuguez.—Origem do *s* do plural.

I

Flexão, é a propriedade que têm os vocabulos de exprimir variações de sentido, por uma modificação da terminação : *Deus, deus-es ; louc-o, louc-a*.

Nestes exemplos os vocabulos *Deus* e *louco* variaram de sentido, variando a *desinencia*. Todas as palavras variaveis são, pois, palavras de *flexão*. (1)

No latim, as palavras exprimiam as relações de posse (*genitivo*), de attribuição (*dativo*), de origem (*ablativo*), etc., por meio de casos, cujo conjuncto ou systema se chama *declinação*. As cinco declinações existentes no latim são reductiveis a uma unica que foi a primitiva.

Este facto comprova-se pelos accusativos em *m* communs a todas : *horam, servum, arborem, currum, rem*. E pelo ablativo em *ibus* da 3^a, 4^a e 5^a, que não differe do ablativo em *is* das duas primeiras ; *is* (de *horis, servis*) é uma fórma contracta de *ibus*, o que ainda se nota em alguns vestigios de nomes da 1^a e 2^a declinação, como *Equa* e *Di* que fazem no ablativo plural *equabus, divibus*, etc. (2)

(1) Sobre a significação de *desinencia*, terminação, vide a Lição VI.

(2) O alumno não póde fazer exame de portuguez sem ter noções elementares do latim ; especialmente das flexões nominaes e verbaes.

Além das *flexões* de casos, possuía o latim, como o portuguez, *flexões* que indicavam o genero e o numero.

A noção de *generos* derivou-se naturalmente da noção dos sexos. Mas, com o tempo, esta distincção se obliterou, de sorte que os *generos* nos seres inanimados nada mais indicam e apenas dão, como diz Egger, elegancia ao estylo. No grego, por exemplo, ha nomes de mulheres que são do genero neutro. Em portuguez, como depois veremos, os *generos* variam com os tempos, e com a evolução da lingua. A lingua ingleza é a unica que faz uma distribuição *systematica* dos generos : todos inanimados são neutros, os mais seres têm o genero correspondente ao sexo.

A flexão de genero, indica o sexo dos animaes, dos entes suppostos animados e por extensão, figuradamente dá um sexo a cousas e seres inanimados : o *cavallo*, o *Pegaso*, o *vicio*.

A flexão de numero, indica a pluralidade ou unidade (*singularidade*) dos seres : *a casa*, *as casas*.

Em portuguez existem dous generos, o *masculino* e o *feminino*; e existem dous numeros, o *singular* e o *plural*.

1. Numeros

Os *numeros* do latim, singular e plural, foram conservados no portuguez em todas as categorias que os tinham no latim, isto é, nos substantivos, adjectivos, pronomes e verbos.

O signal distinctivo do plural portuguez é o *s*. Por isso a palavra *ourives* (de *aurificem*) rejeita por euphonia a flexão do plural.

Ha, não obstante, o exemplo do plural *ouriveses*, e *simplices* por *simples*. Os termos *alferes*, *cães* tambem por euphonia rejeitam o plural e aliaz não são de origem latina.

A lingua grega tinha, além dos dous numeros, um terceiro, o *dual*. O latim possui os vestigios *ambo* e *duo* que passaram ao portuguez na forma *ambos*, *dous* e ás formas *nós*, *vós* que etymologicamente representam o dual.

2. Genero

Os generos, em latim, eram tres : o masculino, o neutro, o feminino.

Os generos masculino e feminino foram conservados na lingua vernacula ; o genero neutro desapareceu.

O desaparecimento do genero neutro nas linguas modernas explica-se pela decadencia do latim barbarizado pelos godos e pelo character negativo e distribuição irracional desse genero.

Ha todavia alguns casos em que o portuguez conserveu a *flexão* neutra do latim.

As palavras *fas* e *nefus* são neutras, indeclinaveis e pertencem á lingua.

A palavra *al*, usada em expressão como « não digas *al* », é um vestigio do neutro latino *aliud*, adjectivo *alius*.

A palavra *ello*, é um archaismo, e é um vestigio do neutro *illud*.

Incidentemente, o neutro se manifesta no portuguez, já não pela flexão da desinencia, mas pela flexão interna do radical, como nas linguas semiticas : *isso*, *esso* (do neutro *ipsum*) ; *isto*, *esto* (do neutro *istud*) ; *aquillo* (do neutro *hoc+illud*) e *tudo* (do neutro *totum*).

Além destes factos, ha neologismos litterarios tirados directamente do neutro latino. Taes são *memorandum*, *ultimatum*, *Corpus-Christi*, *mare-magnum*, etc.

Ha outra classe de neutros que entraram na lingua portugueza depois de passarem á 1ª declinação latina, com a flexão em *a* do plural neutro. Taes são :

<i>Folium</i>	— plural	<i>folia</i>	—	folha
<i>Erratum</i>	—	»	<i>errata</i>	— errata
<i>Armum</i>	—	»	<i>arma</i>	— arma
<i>Velum</i>	—	»	<i>vela</i>	— vela

3. Declinação

A declinação latina desapareceu nas linguas romanas, por effeito da tendencia *analytica*, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituído as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições.

As palavras, em geral, corrompem-se mais profundamente pela terminação. Por isso é que se perderam os casos em linguas tão corrompida como devia ser o latim falado pelos estrangeiros barbaros. Nos documentos medievos encontram-se exemplos: *venit per illo rivo*...veio por aquelle rio; *vadit ad illo rivo* ou *ad illum rivo*, vae para aquelle rio.

Na degeneração do latim, a 4ª declinação em *us* confundiu-se com a segunda. *fructus, us* ou *cli*. A 5ª confundiu-se com a 1ª *materies, luxuries* e *materia luxuria*.

Não são raros, porém, os vestígios que ficaram dos casos latinos; citamos os exemplos mais característicos:

Nominativo. O *nominativo* latino deixou vestígios incontestaveis, especialmente nos nomes proprios: *Dido, Apollo, Juno, Cicero, Cupido, Carthago, Deus, Venus, Nero, Jupiter*...

No francez, frequentemente a origem attesta o accusativo *Appollon, Didon, Ciceron, Junon*, etc. As formas obliquas tamhem incidentemente apparecem em nossos classicos: *Cicerus* por *Cicero*.

Muitos nomes proprios vieram do accusativo, como *Mars* (*Mars, tis*) *Scipião* (*Scipio, onis*.)

Ha alguns nomes que se sabe vieram do nominativo pela accentuação que conservam:

<i>Sór</i>	—	de <i>sóror</i> , <i>oris</i>
<i>Sastre</i>	—	de <i>sástor</i> , <i>oris</i>
<i>Tredice</i>	—	de <i>traditio</i> , <i>onis</i>
<i>Serpe</i>	—	de <i>sérpens</i> , <i>entis</i>

Genitivo. O genitivo deixou alguns artigos em composição, em termos de formação latina, quasi todos formados naquella lingua:

jus — *jurisconsulto* — *juris-consultus*
jurisprudencia — *juris-prudentia*
navis — *naufragio* — *naufragium*

Naufragium, *navis-fragium*, quebramento da nau. *Xofrango* deriva de *ossifraga*—que quebra osso. *Auspicio* deriva de *auspicium*=*avis-spectio*, a observação, o agouro da ave, etc.

Accusativo. Foi o caso de onde commumente se originaram os nomes. Leão (*leonem*) leões (*leones*); arvore (*arborem*); peito (*pectus*) lado (*latus*).

O imparisyllabismo da 3ª declinação dos nomes neutros como *corpus*, *pectus*, prova que foi o accusativo e não o ablativo que nos deu a etymologia dos nomes vernaculos: *corpo* e não *corpore*.

Dous a dous, é util comparar os derivados simultaneos do nominativo e do accusativo, como *serpe* e *serpente*; *honra* e *honor*; *saiço* (sapor) e *sabôr* (*saporem*).

Estes nomes constituem fórmulas divergentes de que nos occuparemos opportunamente.

Ablativo. O ablativo deixou frequentes e numerosos vestigios, sobretudo em fórmulas adverbias:

agora — *hâc horâ*
logo — *loco* (in loco)
como — *quomodo*
car — *quare* (quâ-re) (1)

E em todos os adverbios em *mente*: *Boamente* (*bonâ+mente*—com boa intenção) *certamente* (*certâ+mente*) etc.

Ha a opinião de que os nomes portuguezes vêm do ablativo latino. Esta opinião é insustentavel, porque não é admissivel que os pluraes portuguezes venham do ablativo em *is* ou *ibus*. Em

(1) A expressão *car*=porque, é um archaismo.

segundo lugar, o ablativo não explica a derivação dos imparissyllabos neutros da terceira: *peilo, lado*, que de certo não podem vir de *pectore* e *latere* e sim dos accusativos *pectus* e *latus*, etc.; se viessem do ablativo teriam necessariamente de conter vestígios do incremento (*corpore, latere, peitre*), e é o que succede aos que não são neutros: lebre de *leporem*.

Dativo. O dativo só deixou vestígios em alguns casos muito raros. Os pronomes *mim, ti, si, lhe*, derivam dos dativos *mihi, tibi, sibi, illi*.

Em alguns compostos, nota-se a presença do dativo.

devoto — *deo-votus* — dado a Deus.

4. O s do plural

Como no francez e no hespanhol, o s final tornou-se o expoente do plural do portuguez:

Casa — casa-s; homem — homem-s

Este facto explica-se pela theoria que faz derivar os nomes portuguezes do accusativo na sua maioria. Dada a tendencia do maior numero, a analogia generalisou a regra, fazendo pospor o s aos nomes que devem exprimir o plural.

Vindo os nomes do accusativo latino, o mais ligeiro exame revela que este caso no plural sempre contém o s em todas as declinações:

- 1^a *Horas* — horas
 - 2^a *Servos* — servos
 - 3^a *Arbores* — arvores
 - 4^a *Tribus* — tribus
 - 5^a *Species* — especies
-

FLEXÕES

I. — Genero

Em geral, os generos latinos foram conservados nos vocabulos portuguezes, quer os masculinos, quer os femininos. Os neutros tornaram-se *masculinos* (tempo de *tempus*; mar de *mare*) ou passaram muito poucos pela fórma do plural em *a* a ser femininos como *alimaria* (animalia), etc.

No emtanto, convém notar as seguintes divergencias :

1. Os femininos latinos em *e* tirados do grego, tornaram-se em grande parte masculinos : *aloes*, *epitome*. *Catastrophe*, é masculino em Vieira.

2. Os nomes em *or* masculinos em latim, tornaram-se, muitos, femininos em portuguez : *côr* (color), *dôr*, etc.

Arvore, no antigo portuguez, era masculino : *o arvore* (hesp. *arbol*, masc.)

3. Muitos dos nomes gregos em *os* que eram femininos no latim, tornaram-se masculinos : antidoto (*antidotus*), atomo (*atomus*), dialecto (*dialectos, i*), diametro (*diametros, i*), diphthongo (*diphthongus*), ermo (*eremus, i*), papel (*papyrus*), topazio (*topazius*) e todos os nomes gregos do suffixo *odos* : *periodo*, *synodo*, etc.

4. Os masculinos *erisypelas*, *paries*, *flos*, *lepus*, *fons*, *ordo*, tornaram-se no portuguez femininos : *erisypela*, *flôr*, *lebre*, *fonte*, *parede*, *ordem*.

5. Os femininos *dos*, *palus*, tornaram-se masculinos : *dote*, *paúl*.

6. Os neutros que se tornaram femininos na fórma do plural foram da segunda declinação : lenha (*ligna*), folha (*folia*), vela (*vela*), arma (*arma*), fila (*fila*), joia (*gaudia*), testemunha (*testimonia*); ou da terceira declinação, temporas (*tempora*), penhora (*pignora*), obra (*opera*). Alguns femininos derivam de fórmas neutras dos adjectivos : novas (*nova*), maravilha (*marabiblia*), batalha (*batualia*, latim barbaro).

II. — Flexões de genero

Ha algumas terminações que são caracteristicas do *feminino* :

— *filha*, *casa*, etc. Esta terminação é a da 1ª declinação latina, propria dos femininos.

ISSA — A fôrma *issa* do grego passou ao latim, e na lingua portugueza affecta as fôrmas : *iza* (sacerdotiza), *essa* (condessa), *eza* (baroneza, princeza), etc.

ORA e IZ : — A fôrma *triz* (imperatriz, cantatriz), etc., é erudita. A popular é a formação analogica segundo a regra, em *a* : *cantora*, *oradora*, etc.

São dignos de nota, os vocabulos que soffrem encurtamento ou distensão de fôrma nas duas flexões

Ladrão — ladra.
 Rapaz — rapariga.
 Mu — mula.
 Cabrão — cabra.
 Cão — cadella.

Estes nomes têm differenças explicaveis. Assim as fôrmas, *cabro*, *ladro*, que correspondem aos femininos *cabra*, *ladra*, são archaicos : a fôrma *raparigo* existiu provavelmente, e ainda hoje existe no gallego. *Mu* ou *muu* é a contracção de *mulo*. *Cadella* (*catella*), é etymologicamente o diminutivo de *gato* (*catus*).

A formação do feminino é muitas vezes moldada sobre um diminutivo : *gallo* e *gallinha*; *rei* e *rainha*; *czar* e *czarina*. Assim em regra ha a tendencia de uniformar os masculinos com os augmentativos (*cabro*, *cabrão*), e a tendencia de uniformar os femininos com os diminutivos (*catella* de *catus*).

Dentro dos periodos historicos da lingua notam-se variações de genero, em grande numero de exemplos. A analogia tornou femininos no periodo antigo e ainda no classico : *a planeta*, *apressada* (Camões), *a clíma* humida (Barros), *a fim* (ainda existe na expressão *alafim*) *a paradoxo*, *a cometa*, etc.

Encontram-se exemplos de *o linhagem* (masc.) e ainda hoje se diz arbitrariamente : *o* ou *a personagem*. A palavra *arvore* teve o genero masculino, e entre outros exemplos citamos o de Fernam Lopes :

Como a raposa ao pé do arvore.
 Chr. 74.

O adjectivo *commum* era dos dous generos no singular, como hoje : voz *commum*, lingua *commum*.

No emtanto tinha os dous generos no plural : cousas *commuas* aos homens (Barros, II, III, 3 e ainda em II, V, 9), etc.

Os adjectivos em *ez* eram dos dous generos no singular : uma mulher *portuguez*, gente *francez*, etc. O mesmo ainda hoje se nota nos adjectivos *cortez* e *montez* que são dos dous generos. O

facto de invariabilidade generica fica ainda demonstrado pela formação dos adverbios em *mente*, construidos com o feminino: *portuguezmente* e não *portuguezamente*.

Tambem na lingua antiga careciam de fórma feminina grande numero de nomes em or: *a auctor*, *nossa defensor*, *minha senhor*, etc.

III.—Numero

O facto mais importante relativo ao numero é o plural logico expresso pela flexão *a*. Os pluraes logicos notam-se nos collectivos, que sob a fórma de singular, encerram a idéa de pluralidade: *exercito* em relação a soldado; *povo* em relação a *individuo*. Ha alguns collectivos que se formam do feminino dos nomes: *modo*, collect. *moda*: *lenho*, collect. *lenha*, etc. Evidentemente o significado de collectividade ou a pluralidade logica derivou do plural morphico dos neutros latinos em *a*;

modum — o modo

moda — a moda (isto é, os modos)

Dahi, a analogia uniformou os outros nomes como *fructus*, que não são neutros.

Ha muitos nomes que só se usam no plural: *confins*, *algemas*, *arredores*, *annaes*, *arras*, *calendas*, *nonas*, *idos*, *temporas*, *ephemerides*, *anaguas*, *expensas*, *exequias*, *hemorrhoidas*, *matinas*, *manes*, *nupcias*, *pandectas*, *pareas*, *trevas*, *penates*, *veras*, *viveres*, *alviçaras*, etc.

Ha alguns destes que sendo do plural têm algumas vezes sido usados no singular: *preces*, *trevas*, *aborigenes*, *calças*, *ceroulas*, *zelos*, etc.

Ha outros que variam de sentido com o numero: *lar* e *lares*, *honra* e *honras*, *côrte* e *côrtes*, *letra* e *letras*, *bem* e *bens*, *parte* e *partes*, etc.

IV.—Flexões de numero

As excepções que se notam na formação do plural dos nomes são, no sentido historico, apenas apparentes como se póde verificar pela analyse dos factos.

1. Os nomes que acabam por *m* mudam o *m* em *n* antes de receber a flexão: homem, *homens*. Este *m* é um puro signal orthographico analogo ao *n* quando ocorre no fim das syllabas. O *m* que se nota no accusativo singular *hominem*, desaparece no plural *homines*.

2. Os nomes acabados em *r* e *z* formam o plural em *es*: mar, *mares*; feliz, *felizes*. A intercalação do *e*, é euphonica e as vezes etymologica (*felices*); a lingua, por indole, rejeita ás terminações *rs, zs*; *mars, felizs*. A presença do *z* e ainda do *x* não tolera o acrescimo de mais uma sibilante *s*. Os pluraes *mezs, calixs*, por *mezes, calices*. seriam antieuphonicos. Além disto os pluraes latinos contém os *es*: *menses, calices*.

3. Os nomes em *al, ol, ul*, mudam as terminações em *aes, oes, ues*: sal, *saes*, anzol, *anzoes*, paul, *paves*. Estes pluraes resultam da syncope do *l*, da consoante média entre vogaes, como se nota em *paço* (*pa-l-atium*). Os pluraes de *moral, sol, paul* seriam *morales, soles, pauls* e pela syncope do *l*, *moraes, soes, paves*. Da primeira fôrma ainda existem os exemplos: *males* de mal; *consules* de consul.

Com os nomes em *el* ha a particularidade da intercalação de um *i*: papel, *papeis*. Seria antieuphonica a concurrencia de dous *ee*: *papees*.

Com os nomes em *il* convém notar os casos de oxytonos e barytonos. Os oxytonos perdem o *l*: arrabil, *arrabils*; funil, *funils*. E' o caso já apontado da syncope: *funiles, funies, funis*.

Os barytonos mudam o *il* em *eis*: docil, *doceis*. (dociles).

4. Os nomes em *ão* têm tres pluraes diferentes; conforme as classes: *ãos*, irmão, *irmãos*; *ões*, acção, *acções*; e *aes*, *escrivão, escrivões*.

Actualmente por motivo de confusões e falsas analogias, é difficil determinar as classes que correspondem a cada flexão.

Notemos, porém, o seguinte:

a) Os nomes que derivam da terceira declinação latina têm o plural em *ões*: *acção, acções*, (actiones), etc.

b) Os nomes que derivam da segunda declinação podem ter o plural em *ãos* ou em *aes*: irmão, *irmãos* (germanos); *escrivão, escrivões* (scribanos).

Podendo-se conferir com as fôrmas castelhanas notaremos, que os castelhanos terminados em *anes* (*capitânes*) têm no portuguez o plural *aes*: *capitães*.

Têm sempre o plural em *ãos* os barytonos ou graves: *accórdão, accordãos*, *orgão orgãos*.